

Se Augusto era um cerebral, escravo do pensamento, vivendo a vida seca e fria das abstrações, como explicar então a sua inquietação religiosa, o sentimento de desamparo que tanto o afligia, o demônio da dúvida que ateava nêle um incêndio na alma, os mitos que o atormentavam com alucinações noturnas, povoando-lhe o cérebro de figuras espectrais de bôcas tronchas, duendes dando pancadas no adro das igrejas, danças macabras de esqueletos, pensamentos oníricos sôbre os temas da dor, da doença, da morte, tudo, enfim, quanto é sepulcral, tudo quanto causa medo, tudo quanto prosterna o homem, até mesmo a virtualidade espiritual que via na matéria bruta?

Decididamente, Augusto não podia ser um cerebral. Tôda a sua poesia revela a fuga do real, a fuga para o desconhecido.

* * *

Depois de Flóscolo da Nóbrega, surge na liça dos escritores paraibanos Ademar Vidal com *O Outro Eu de Augusto dos Anjos*, lançado pela José Olímpio Editôra, em 1967. Embora não me dê a honra de uma passageira referência pessoal, o intuito de Ademar Vidal é, evidentemente, o de contraditar a minha opinião sôbre a singular personalidade de Augusto dos Anjos e sobretudo os motivos que o fizeram ficar assim tão triste.

O poeta, no seu entender, era um homem alegre, cordial, expansivo. Diz que tem autoridade para afirmar isso porque foi seu aluno particular na Paraíba, com o privilégio de ser aluno único. A aula funcionava na casa onde morava Augusto dos Anjos, de modo que só êle agora é senhor das intimidades que descreve, muitas das quais desabonadoras da postura moral do poeta.

Não menciona em que data estudou, mas de um tópico caído por descuido da pena sabe-se que foi no ano em que Augusto se casou. Ora, isso aconteceu em 1910, devendo o aluno orçar então pelos 12 anos de idade e já era tempo de guardar com mais seriedade os fatos presenciados. Durante boa parte do ano, segundo narra, ia todo dia à casa do mestre, que o recebia de braços abertos, farfalhante de alegria, porque era, na realidade, de uma alegria contagiante. E como falava! Não parava um só instante de expandir-se, como se ali estivessem dois rapazes bem divertidos na mais deleitável cavaqueira.